

Comunicação

Pesquisa Social e suas Relações com a Ação Social e o Compromisso Político do Pesquisador

Louise Amaral Lhullier

Sobre o Autor

Louise Amaral Lhullier nasceu em Porto Alegre. Graduiu-se em Psicologia pela PUC-RS em 1973 e obteve o grau de Mestre em Administração, com concentração na área de Recursos Humanos na UFRGS, em 1978. Atualmente está preparando sua tese de Doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP. Iniciou sua carreira acadêmica em 1978, na PUC-RS, como professora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia e da disciplina de Psicologia Organizacional no Curso de Formação de Psicólogos. Anteriormente trabalhara em projetos de pesquisa e cursos de extensão junto ao Programa de Pós-Graduação em Administração da UFRGS. Na PUC-RS foi Coordenadora da área de Psicologia Organizacional na Pós-Graduação, de julho de 1978 a maio de 1980. Ingressou na UFSC - através de concurso público - em março de 1982. No Departamento de Psicologia, ao qual está vinculada desde então, foi Coordenadora de estágios em Psicologia Organizacional e Sub-coordenadora do Curso de Psicologia. Em outubro de 1987 apresentou, seis comunicações científicas na XVII Reunião de Psicologia da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Summary

This communication intends offering a contribution to the clarifying of some confusing aspects in the matter of the relations established among social research, social acting and the researcher's political commitment. Initially it focus three possible approaches to the problem of research: empiric-analytical, phenomenological and dialectic materialist, and how the question arises in each of the three. Finally, it analyses the model of action-research, placing it in the frame already mentioned.

Resumo

Este trabalho pretende oferecer uma contribuição ao esclarecimento de alguns pontos confusos na questão das relações entre a pesquisa social, a ação social e o compromisso político do pesquisador. Trata, inicialmente, de três abordagens possíveis ao problema de pesquisa: empírico-analítica, fenomenológica e materialista-dialética, e de como a questão se apresenta em cada uma das três. Concluindo, analisa o modelo da pesquisa-ação, procurando localizá-la no quadro anteriormente traçado.

Introdução

Com este trabalho pretende-se contribuir para o esclarecimento de alguns pontos que parecem ainda muito confusos sobre as relações entre a pesquisa social, a ação social e o compromisso político do pesquisador. Para tanto, aborda-se a questão sob três diferentes perspectivas - a empírico-analítica, a fenomenológica e a materialista-dialética -, procurando demonstrar como se traduzem em diferentes modalidades de pesquisa e como essa relação é encarada de maneira diferente em cada uma delas. Dedicar-se especial atenção à metodologia da pesquisa-ação principalmente em função de familiaridade com ela e de sua popularidade nos círculos acadêmicos, atualmente.

A Abordagem Empírico-Analítica

O critério de verdade nesta abordagem é a objetividade e, portanto, preconiza a neutralidade do pesquisador em relação ao seu objeto. O envolvimento da subjetividade daquele no processo de investigação comprometeria a confiabilidade dos resultados em razão direta do grau desse envolvimento. O principal desafio colocado ao pesquisador é encontrar os instrumentos necessários à apreensão d'"A VERDADE DO OBJETO".

As pesquisas analíticas são usualmente identificadas com a abordagem empírico-positivista de um problema. Seu critério de cientificidade é o da validade dos instrumentos, do rigor na aplicação d'"O Método", do experimento rigidamente controlado. Em tudo e por tudo busca-se eliminar qualquer interferência subjetiva do pesquisador, pois, em linhas gerais, parte-se do pressuposto de que ele não é confiável quanto à sua capacidade de apreender o Objeto, este sim, digno de confiança. O método, as técnicas, os instrumentos serviriam ao propósito de superar as limitações inevitáveis do sujeito-pesquisador.

Por isso, é uma consequência lógica que, dessa perspectiva, quanto maiores as imbricações entre a pesquisa, a ação social e o compromisso político do pesquisador, maior a ameaça à confiabilidade dos resultados, maior o risco de "perder a objetividade" no processo de pesquisa, tanto mais quanto mais engajado social e politicamente ele estiver.

Como se torna evidente, no caso específico das Ciências Humanas, tal engajamento se torna especialmente problemático, se for analisado a partir da postura empírico-analítica, já que é provável um alto grau de imbricação entre as três dimensões da ação (de pesquisa, social e política).

A tradição de pesquisa no Brasil confirma a forte influência do positivismo em nosso pensamento: a nível de graduação e, não raro, na pós-graduação, quase sempre não se vai além de uma visão geral de "Metodologia Científica", talvez da familiarização com técnicas quantitativas e de produção de "Relatórios Científicos". Por isso, não é de se admirar que boa parte da produção de pesquisa no país se insira nesses limites. É comum a preocupação em manter uma postura "neutra", ao menos de público, o que resulta, muitas vezes, numa produção abundante de dados, expostos em gráficos e tabelas, e em análises tímidas, que não ousam ir além da "objetividade" dos números. É certo que isso é mais característico dos pesquisadores iniciantes, dos alunos de graduação e pós-graduação mas não é exclusivo destes.

A Abordagem Fenomenológica

Ao contrário da abordagem anterior, aqui se privilegia o Sujeito, em sua capacidade de reflexão e interpretação da realidade. O Objeto não é considerado confiável, nunca se revelando totalmente ao pesquisador, esquivando-se, mais se escondendo do que se mostrando. Através das capacidades reflexiva, interpretativa e de recuperação do contexto, o Sujeito poderá chegar a uma verdade que será estabelecida pelo critério de intersubjetividade.

Na medida em que o sujeito é confiável, como capaz de chegar a uma verdade, não há incompatibilidade entre a sua ação como pesquisador e seu engajamento social e político, mesmo no caso de se dedicar à pesquisa em Ciências Humanas, muito embora frequentemente esteja presente a preocupação com "o controle da subjetividade e a busca do rigor científico" nas pesquisas que se situam nessa perspectiva. Todavia, tal controle é buscado de forma diferente. Nas pesquisas analíticas essa é a função do método, das técnicas, dos instrumentos, enfim, sempre de algo externo ao Sujeito. Nas pesquisas fenomenológicas, o Sujeito se aperfeiçoa no que

"É um esforço ao mesmo tempo teórico e metodológico: por um lado deve-se jogar com as categorias teóricas, poder ver além do aparente, e por outro, treinar-se para 'observar tudo', para 'enxergar' cada vez mais, tentando vencer o obstáculo naturalmente seletivo da observação" (ANDRE, Marli E.D.A., 1989, p. 43).

Por outro lado, a abordagem fenomenológica denuncia a suposta neutralidade e objetividade do pesquisador do enfoque empírico-analítico, colocando tal suposição como uma de suas maiores limitações. As pesquisas fenomenológico-hermenêuticas

"expressam interesse específico na denúncia e na explicação das ideologias subjacentes, propõem desvendar

e decifrar os pressupostos implícitos nos discursos, textos e comunicações. Os elementos críticos são abundantes e as propostas têm geralmente um marcado interesse na 'conscientização' dos indivíduos envolvidos na pesquisa e manifestam interesse por práticas alternativas e inovadoras" (GAMBOA, 1989, p. 97).

A "pesquisa participante" muitas vezes se insere neste quadro, embora também possa se classificar entre as crítico-dialéticas. As técnicas mais comumente utilizadas são a observação participante, entrevistas, depoimentos, histórias de vida, análise do discurso, narrações, vivências e técnicas bibliográficas.

Portanto, como já assinalai anteriormente, desta perspectiva, a pesquisa, a ação social e o compromisso político do pesquisador são três dimensões cuja coexistência não representa obstáculo à qualidade de seu trabalho, que dependerá, isto sim, da capacidade desse Sujeito-pesquisador para pensar a realidade em que atua, de refletir sobre ela e de interpretá-la. Mas é importante lembrar que as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas não pretendem

"tomar o lugar da ciência analítica, mas, complementá-la e superá-la, respeitando, porém, o tratamento científico-analítico dos fenômenos humanos onde ele é possível" (GAMBOA, 1989, p. 101).

A Abordagem Materialista-Dialética

Desta perspectiva, Sujeito e Objeto estão inseridos dentro de um mesmo processo histórico e o ato de conhecer se dá na síntese de ambos. São negadas a separação entre eles e a existência d'"A Verdade Absoluta", pois o princípio fundamental da dialética afirma que "não existe nada eterno, nada fixo, nada absoluto", tudo tem que ser considerado nas suas limitações históricas e sociais, e qualquer "verdade" afirmada será verdadeira para um determinado contexto, para um certo momento histórico.

Diferentemente das abordagens empírico-analíticas que concebem a relação entre Sujeito e Objeto centrada neste último (pretendendo a "objetividade"), ou das fenomenológico-hermenêuticas, centradas no sujeito ("subjetividade"), a dialética busca a "concreticidade", centrando o processo de conhecimento na relação dinâmica entre ambos.

As pesquisas crítico-dialéticas - modalidade que corresponde a esta abordagem - se desenvolvem a partir dessa relação:

"O pesquisador (produto-histórico) parte de uma visão de mundo necessariamente comprometida e neste sentido não

há possibilidade de se gerar um conhecimento 'neutro'" (LANE, 1986, p. 18).

A partir de uma postura crítica em relação às duas abordagens, a dialética pretende retomá-las e superá-las, na medida em que não nega nem "a origem empírica objetiva do conhecimento", nem "a interpretação e compreensão fenomenológicas" que julga também necessárias à construção do conhecimento (GAMBOA, 1989).

Portanto, a nível de técnicas de coleta de dados, as pesquisas crítico-dialéticas incorporam tanto as quantitativas, que caracterizam as pesquisas analíticas, quanto as qualitativas, típicas das fenomenológico-hermenêuticas.

As distinções fundamentais não se dão nesse plano, mas a nível das concepções de mundo, de homem, de ciência, da relação entre Sujeito e Objeto, dos pressupostos gnosiológicos, enfim, de elementos fundamentais que irão se refletir, principalmente, sobre a postura do pesquisador e a análise que fará dos dados que tiver em mãos. É óbvio, no entanto, que essa diferença terá consequências desde o momento da escolha do tema de interesse do pesquisador até a elaboração das "conclusões", que, aliás, serão mais ou menos conclusivas, dependendo da perspectiva.

Considerando a questão central deste trabalho - a das relações entre pesquisa, ação social e compromisso político do pesquisador -, a abordagem dialética introduz uma diferença fundamental em relação às anteriores, na medida em que adota como critério de cientificidade a práxis, e entende que a pesquisa social é necessariamente engajada num projeto de transformação, do qual o pesquisador é também agente. Nas pesquisas fenomenológico-hermenêuticas pode haver esse compromisso, nas crítico-dialéticas ele é componente essencial, indispensável.

A Pesquisa-Ação

Entende-se por pesquisa-ação, como THIOLENT (1986), uma "linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação" (p. 7).

Os elementos complementares a essa definição são:

a) a pesquisa-ação é um instrumento de trabalho e investigação em grupos, instituições, coletividades pequenas e médias, em que os aspectos sócio-políticos costumam ser privilegiados, sem desconsiderar-se a dimensão da subjetividade (THIOLENT, op. cit.)

b) A pesquisa-ação implica sempre em associação com ações

planejadas coletivamente que visam solucionar problemas ou objetivos de transformação. Identifica-se aqui um importante elemento de diferenciação com a pesquisa participante, pois esta pode até vir a se constituir num elemento de interferência sobre a realidade estudada, mas isso não é um componente necessário do projeto de pesquisa. A participação refere-se à forma de inserção do pesquisador na realidade que deseja investigar, assinalando a sua proximidade em relação ao objeto, o que é uma postura não-positivista, mas não necessariamente crítico-dialética. Já a pesquisa-ação sempre é participante, mas, ou se orienta para a ação coletiva planejada, com os objetivos já mencionados, ou não será pesquisa-ação.

Para alguns, a pesquisa-ação aparece invariavelmente associada a um objetivo de transformação, o que a inseriria, automaticamente, no quadro referencial do materialismo dialético - cujo problema não é "descrever ou interpretar a realidade, mas promover a sua transformação revolucionária" (LOWY, 1985, p. 17/18) a partir de forças internas a essa realidade que se concretizam na ação. Para LANE, por exemplo, a "pesquisa-ação é por excelência a práxis científica" (LANE, op. cit., p. 18).

Partindo-se da definição de THIOLENT, no entanto, não é possível concordar com o caráter automático de tal identificação:

"a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo" (THIOLENT, op. cit., p. 14).

Segundo o próprio autor, "esse tipo de definição deixa provisoriamente em aberto a questão valorativa". Isso porque não está estabelecida de antemão a orientação dessa ação ou que problema será abordado, ou mesmo quem serão os participantes representativos, e que critério deverá presidir sua escolha. Além disso, há muita diferença entre envolvimento cooperativo e participativo. Que forma de cooperação? Que forma de participação? São essas definições, acerca de procedimentos e do próprio objetivo da ação, que caracterizarão a pesquisa como crítico-dialética ou não.

Uma pesquisa-ação de abordagem crítico-dialética seria, em primeiro lugar, comprometida com um objetivo de transformação. Não com uma mudança qualquer, mas com uma práxis que questione profundamente a realidade, a partir de um referencial teórico materialista-dialético, de uma concepção de mundo em movimento, dinâmico, em que tudo flui, tudo muda, nada é permanente, nada é eterno. Não existem verdades absolutas. Há que buscar um conhecimento sempre contingente, sempre contextualizado, histórica e

socialmente determinado.

Por isso, uma pesquisa-ação sobre as comunicações internas de uma empresa, por exemplo, em que os pesquisadores trabalhem de modo cooperativo com os gerentes das diversas áreas, no sentido de planejar e executar uma ação coletiva para implementar os resultados de uma investigação não se configura como uma abordagem crítico-dialética.

Da mesma forma, uma pesquisa junto a movimentos populares em que o pesquisador tenha por objetivo "apenas" entender e explicar algumas questões a eles referentes, não se caracterizará como uma pesquisa ação, embora os resultados da investigação possam vir a ser, eventualmente, utilizados com o objetivo de resolver problemas ou promover mudanças.

THIOLLENT menciona uma grande diferença entre " as propostas de caráter militante, as propostas informativas e conscientizadoras das áreas educacional e de comunicação, e, finalmente, as propostas 'eficientizantes' das áreas organizacional e tecnológica" (op. cit., p. 15). Em linhas gerais, temos num extremo a pesquisa engajada em projetos sócio-políticos que definem o interesse das classes populares e, de outro, os projetos "reformadores", como os de "administração participativa" da "democracia organizacional". Nos primeiros, a pesquisa, a ação social e o compromisso político do pesquisador aparecem, via de regra, integrados, caracterizando a postura materialista-dialética. Nos segundos, o pesquisador pode se pretender "neutro", embora participante, na medida em que é possível definir sua "participação" dentro de limites "técnicos".

Uma outra distinção importante a ser feita é entre a pesquisa-ação e uma ação qualquer planejada coletivamente (a falta de clareza a este respeito colocaria ao pesquisador o risco do "ativismo"). Naquela "pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o 'nível de consciência' das pessoas e grupos considerados" (THIOLLENT, op. cit., p. 16). Além do objetivo de produzir conhecimento, como qualquer outra pesquisa, requer a referência a um quadro teórico que permita situar os resultados da investigação, bem como o adequado equacionamento da relação entre os objetivos práticos e de produção de conhecimento.

Sintetizando, então, na pesquisa-ação o pesquisador pode associar pesquisa, ação social e compromisso político ou não. No primeiro caso, o da pesquisa "engajada", deverá tratar-se de uma abordagem materialista-dialética. No segundo, muito provavelmente, de uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica.

Referência Bibliográfica

- ANDRÉ, Marli E.D.A. "A pesquisa no cotidiano escolar". In: FAZENDA, Ivani (org). Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo; Cortez, 1989.
- GAMBOA, Sílvio A.S. "A dialética na pesquisa em Educação: elementos de contexto". In: FAZENDA, op. cit..
- LANE, Sílvia T.M. "A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia". In: CODO, Wanderley (org.). Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- LOWY, Michel. Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista. São Paulo, Cortez, 1985.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo, Cortez; Autores Associados, 1986.